

TERRITÓRIO, SUBJETIVIDADE E POLÍTICAS NA CIDADE: O PROGRAMA VILA VIVA NO AGLOMERADO DA SERRA

Lucas Soares Rodrigues (UFMG) – lucasrodriguesdm@gmail.com
Maryana Pereira Jácome (UFMG) – maryana.jacome22@gmail.com
Maria Luísa M. Nogueira (UFMG) – malu.mnogueira@gmail.com
Thaira Moreira Novaes (UFMG - Graduada) - thuiramoreira@gmail.com

INTRODUÇÃO

As favelas são construções alternativas da classe trabalhadora para viver/resistir nas cidades brasileiras, em Belo Horizonte elas são alvo de intervenção pelo Poder Público desde sua fundação. Este trabalho é fruto da pesquisa “A Vivência Cotidiana e a Intervenção Vila Viva em Belo Horizonte: Produções Subjetivas e Políticas na Cidade” (financiada pela FAPEMIG), na qual para compreender as dinâmicas psicossociais que se desenvolvem entre a vida na alternativa e as intervenções do Poder Público sobre ela colocamos como foco o Programa Vila Viva/PVV da Prefeitura de Belo Horizonte no Aglomerado da Serra .

OBJETIVO

Objetiva-se: 1) a percepção das/os moradoras/es sobre as mudanças no Aglomerado a partir do PVV, 2) compreender os significados atribuídos à realidade da favela pelo saber técnico-especializado envolvido na execução no PVV, e 3) entender os encontros e desencontros entre os discursos de moradoras e técnicos sobre a intervenção.

METODOLOGIA

Utilizamos de entrevistas em profundidade com moradores das Unidades Habitacionais do PVV, bem como derivas na localidade em questão; por fim, utilizamos entrevistas semiestruturadas com técnicos da URBEL e análise de documentos. A análise dos dados das entrevistas foi feita por meio de categorias analíticas em análise cruzada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. Relações sociais e de identificação territorial:

Na favela a linha público/privado é mais flexível, o tecido da favela é próprio, pois é construída pelos seus próprios moradores como fruto dos encontros e desencontros do cotidiano, do trabalho humano interminável de atender as demandas cotidianas. Como nos lembra Brandão (1999) “‘casa’ não é apenas a edificação, o conjunto arquitetônico, ainda que possa ser tomado como tal, até porque o que a define, em arquitetura, não é a configuração espacial, mas seu uso” (p.64). E na favela onde a moradia e o espaço físico são frutos mais diretos do trabalho dos sujeitos, se torna mais evidente o sentimento de pertencimento bem sua preservação quando estas práticas cotidianas são confrontadas:

“Porque a gente abre mão de muita coisa por causa da indenização, a gente abriu mão de muita coisa mesmo. De sair de onde a gente cresceu, igual lá embaixo, assim... eu mesmo não saí de lá. Eu tô aqui perto da praça, tem evento, eu não fico aqui. Eu não me sinto assim... que eu tô no meu lugar. Toda vez que eu entro, que eu saio daqui, que eu... eu já tô com quase 4 anos, eu não me identifico aqui. Como assim... aqui é o meu canto. Eu não fico aqui. Eu não fico na praça, eu não tenho amigos de ficar, de sentar, de bater papo aqui. Eu desço daqui e vou lá pra baixo, pra rua. É lá que a gente senta na calçada, é lá que a gente senta e fica batendo papo com os vizinhos, fica eu, minha irmão, primos, minha família, os colegas... Então meu canto ainda continua lá [...]” (Ana)

2. Dinâmicas socioespaciais

a. Territorialidades da favela: Conforme a entrevista de Ary (nome fictício), técnico da URBEL, 75% das famílias permaneceram no território de origem pois foram reassentadas em uma das seis vilas que compõem o Aglomerado. Entretanto essa noção não compreende as territorialidades internas do aglomerado que o tráfico, por exemplo, impõe:

“Então fiquei naquele medo. Aí o outro apartamento que eles queriam me colocar era lá embaixo no São Lucas. Eu falei nossa, longe de toda minha família, eu tenho dois meninos adolescentes, época de guerra de tráfico de drogas aqui em cima, porque tava em uma época de tráfico, de guerra mesmo, matando mesmo, uma área matando a outra e falei, pronto, não vou nem viver”. (Ana)

b. PVV e o Mercado: A relação de empreendimentos de urbanização com a reprodução do capital em Belo Horizonte é assunto muito bem discutido por Gomes (2012). É válido nesse momento citar que foram relatados altos preços na revenda das UH's do PVV, assim como nas casas da favela em geral

c. Tentativa de padronização e as suas resistências: Pudemos identificar uma política de repressão de práticas cotidianas da favela tidas como inconvenientes à cidade formalizada; identifica-se também que os moradores ainda mantêm algumas dessas práticas. Conforme no caso dos varais:

“Mas assim, eles iam lá pra falar que num, num, num podia pendurar roupa no muro, no arame.”

(Ana)



Foto 1 - Varais. Acervo próprio

3. Contradições e enfrentamentos: Ary afirma que a URBEL atua de forma criteriosa nos processos de “pré-morar” e “pós-morar”, trabalho que gera “uma avaliação positiva, contribui muito pra, pra inclusive superar esses impactos negativos[...]”. Entretanto Ana (nome fictício) que é mãe de um filho deficiente que carece de cuidados médicos frequentes e buscava ser reassentada em local acessível relata conflitos e dificuldade de dialogar com a URBEL sobre suas demandas.

Outro ponto que nos chama atenção é que mesmo com alto investimento em obras viárias, como a Av. do Cardoso, os conjuntos do PVV contam com poucas vagas de garagem, o que gera conflitos entre os moradores, além de observarmos nas derivas a construção de garagens alternativas nos entornos dos conjuntos

b. Atribuições positivas ao PVV: Não podemos deixar de pontuar que o Programa tem suas positivities muita marcadas, de importância indiscutível para milhares de moradores que antes não possuíam, por exemplo, CEP, sistema de esgoto e acesso ao transporte público perto de casa, que melhoraram a qualidade de vida da população, como dito pelas próprias moradoras entrevistadas.

CONCLUSÃO

O Programa trouxe diversas melhorias à qualidade de vida no aglomerado, entretanto se mostra falho ao não buscar compreender as dinâmicas da favela, não valorizar de fato o espaço e as relações produzidas por seus moradores, agindo de forma a impor o padrão de relações da cidade formalizada. Entendemos ser necessário tratar as intervenções urbanísticas na favela com as peculiaridades que lhe são intrínsecas, pois a moradia faz parte da construção do ser psíquico. Sendo necessário, pensar a moradia para além de um espaço meramente físico utilizado para o descanso, alimentação, proteção, etc. Percebe-se, também, que há pontos em comum com a conjuntura atual de nossa cidade no que se refere ao mercado imobiliário e às políticas públicas de moradia, desse modo, nota-se que estudar as favelas favorece uma compressão mais ampla dos processos de produção de espaço urbano na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

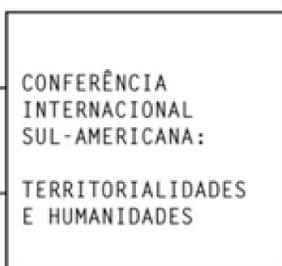
BRANDÃO, Ludmila de Lima. A casa subjetiva: matérias, afectos e espaços domésticos. São Paulo: Perspectiva, 2002. 159 p. Coleção Estudos 181.

GOMES, Gláucia Carvalho; MARTINS, Sérgio Manuel Merêncio. A inscrição da produção do espaço na valorização do valor : reflexões acerca da (re)produção socioespacial contemporânea de Belo Horizonte. 2012. 383 f., enc. : Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Geografia

MELO, Izabel Dias de Oliveira. O espaço da política e as políticas do espaço: tensões entre o programa de urbanização de favelas "Vila Viva" e as práticas cotidianas no Aglomerado da Serra em Belo Horizonte. 2009. 262 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em:

<<http://www.biblioteca digital.ufmg.br/dspace/handle/1843/MPBB-85EPTB>>. Acesso em: 28 ago. 2009.

REVISTA URBANIZAÇÃO HABITAÇÃO. Belo Horizonte: Gráfica Rede , v. 1, jan. 2014.



4 A 7 DE OUTUBRO DE 2016
BELO HORIZONTE - BRASIL

APDS



REALIZAÇÃO

